

*8 de novembro de 2000*

*Querido Franklin,*

Não sei ao certo por que o incidente banal desta tarde acabou provocando em mim a vontade de lhe escrever. O fato é que, desde que nos separamos, o que mais me faz falta, acho, é chegar em casa e ter a quem contar as curiosidades narrativas do meu dia, do jeito como um gato às vezes larga um camundongo aos pés do dono, as pequenas, modestas oferendas com que os casais se brindam, depois de revolver quintais diferentes. Se porventura você estivesse instalado em minha cozinha, lambuzando pasta crocante de amendoim no pão de Branola, embora fosse quase hora do jantar, eu mal teria tempo de largar os sacos de compras, um deles vazando uma gosma viscosa, transparente, e já estaria vomitando minha historinha, antes mesmo de reclamar, contrariada, que jantariamos massa dali a pouco, portanto, será que daria para você fazer o favor de não comer o sanduíche inteiro?

Nos primeiros tempos, claro, meus relatos eram todos mercadorias exóticas, importadas de Lisboa ou de Katmandu. Mas, na verdade, ninguém quer escutar histórias de lugares distantes e acabei percebendo, graças a sua polidez deletória, que, no fundo, você preferia ninharias anedóticas menos distantes: um estranho encontro com o cobrador do pedágio na Ponte George Washington, por exemplo. As maravilhas do cotidiano serviam para ratificar sua opinião de

que minhas viagens ao exterior eram uma espécie de engambelação. Minhas lembrancinhas — um pacote de *waffles* belgas, a expressão que os ingleses usam para dizer “frioleiras” (*codswallop!*, veja você) — vinham artificialmente revestidas de magia devido, apenas, à distância. Como aquelas bagatelas que os japoneses trocam entre si — num saquinho dentro de uma caixa num saquinho dentro de uma outra caixa —, o brilho das minhas oferendas de paragens longínquas era apenas invólucro. Muito mais notável é a façanha de revirar o lixo não transubstanciado do velho e feioso estado de Nova York e espremer um momento apimentado de uma ida ao Grand Union de Nyack.

Que foi justamente onde minha história ocorreu. Parece que estou enfim aprendendo aquilo que você tanto tentou me ensinar, ou seja, que o meu próprio país é tão exótico e quase tão perigoso quanto a Argélia. Eu estava na gôndola dos laticínios e não precisava de grande coisa; não poderia. Não como mais massa hoje em dia, não sem você para dar cabo da travessa toda. Sinto uma falta imensa do seu entusiasmo.

Continua difícil, para mim, aparecer em público. Seria de imaginar, num país notório pela “falta de senso histórico”, como afirmam os europeus, que eu pudesse faturar com a famosa amnésia norte-americana. Mas que nada. Ninguém, nesta “comunidade”, demonstra qualquer sinal de ter esquecido o fato, passado um ano e — para ser exata — oito meses. De modo que preciso me munir de muita coragem, quando os estoques acabam. É bem verdade que, para os funcionários do 7-Eleven da Rua Hopewell, a novidade já se esgotou, e dá para eu pegar uma garrafa de leite sem que todos me lancem olhares furiosos. Mas o nosso Grand Union de sempre continua um corredor polonês.

Sempre me sinto furtiva por lá. Para compensar, forço minhas costas a endireitarem, meus ombros a se abrirem. Entendo agora o que eles querem dizer com “manter a cabeça erguida” e, às vezes, fico surpresa com o tanto de transformação interior que uma postura ereta proporciona. Quando faço uma pose fisicamente orgulhosa, sinto-me um pouquinho menos torturada.

Indecisa entre ovos de tamanho grande ou médio, olhei na direção dos iogurtes. A menos de um metro de distância, os cabelos ressequidos de uma outra cliente exibiam bem uns dois centímetros de branco na raiz, ao passo que só restavam uns poucos caracóis nas pontas: um velho permanente em extinção. A blusa cor de lavanda e a saia combinando talvez já tivessem sido elegantes um dia, mas agora a blusa ficava presa debaixo do braço e o evasê só

fazia realçar a largura dos quadris. A roupa precisava de uma passada a ferro e, na altura das ombreiras, havia uma tira esmaecida deixada por um cabide de arame. Era algo extraído das profundezas do armário, concluí eu, aquilo a que recorreremos quando todo o resto está imundo ou largado no chão. Quando a cabeça dela se inclinou na direção dos queijos processados, vi de relance a prega de um queixo duplo.

Não tente adivinhar; você jamais seria capaz de reconhecê-la a partir deste retrato. Ela já foi neuroticamente esbelta um dia, de ângulos muito bem definidos e tão luzidia como se embrulhada para presente. Embora talvez seja mais romântico imaginá-los emaciados, nem todos os enlutados o são, e suponho que se possa chorar com igual eficiência tanto com chocolate quanto com água de torneira. Além disso, existem mulheres que se mantêm esguias e elegantes menos para agradar ao consorte do que para se manter à altura das filhas e, graças a nós, hoje em dia ela não tem mais esse incentivo.

Sim, era Mary Woolford. Não me sinto orgulhosa da atitude que tomei, mas o fato é que não consegui encará-la. Levei um choque. Minhas mãos estavam úmidas quando peguei a caixa de ovos para conferir se estavam todos intactos. Rearrumei a fisionomia, de modo a parecer uma daquelas clientes que acabaram de se lembrar de algum produto na gôndola vizinha, e, sem me virar, consegui colocar os ovos naquela parte do carrinho reservada para carregar crianças. Ao sair às pressas nessa pretensa missão, larguei o carrinho para trás, porque as rodas rangiam. Só fui respirar nas sopas.

Eu já devia estar preparada, e em geral estou — guarnecida e em guarda, quase sempre a troco de nada, afinal. Mas não dá para envergar armadura completa toda vez que saio para uma comprinha idiota, e, além disso, Mary não tem mais como me prejudicar agora, tem? Ela já fez tudo o que podia; me levou ao tribunal. Ainda assim, não consegui domar as batidas do meu coração nem voltar à seção de laticínios imediatamente, mesmo depois de ter-me dado conta de que havia esquecido no carrinho aquela bolsa egípcia bordada, com a carteira dentro.

O que foi, aliás, a única razão de eu não ter ido embora direto do Grand Union. Acabaria tendo que me esgueirar até lá, para recuperar a bolsa, e era sobre isso que eu meditava em frente às sopas Campbell de aspargo e queijo, refletindo sem muito propósito no tanto que Warhol teria se espantado com a reformulação do rótulo.

Até eu voltar, o terreno já estava desimpedido; passei a mão no carrinho, de repente a profissional que precisa liquidar logo com as tarefas domésticas. Um papel conhecido, supostamente. Entretanto, faz tanto tempo que não penso em mim dessa forma, que tenho certeza de que o pessoal na minha frente, na fila do caixa, deve ter atribuído aquela impaciência toda menos à imperiosidade da mulher que trabalha fora, para quem tempo é dinheiro, e mais ao pânico suado e urgente de uma fugitiva.

Quando fui pagar as compras, a embalagem dos ovos parecia meio grudenta, o que levou a moça do caixa a abri-la. Oh! Mary Woolford tinha me visto, no fim das contas.

“A dúzia toda!”, exclamou ela. “Vou pedir para trazerem outra.”

Eu a impedi. “Não, não”, falei. “Estou com pressa. Levo assim mesmo.”

“Mas está tudo completamente...”

“Eu levo como está!” Não existe melhor fórmula para se obter a cooperação dos outros, neste nosso país, do que parecer meio desequilibrada. Depois de enxugá-lo enfaticamente com um lenço de papel, a moça passou o código de barras pela leitora, depois limpou as mãos e revirou os olhos.

“*Khatchadourian*”, exclamou quando lhe entreguei o cartão de débito. O nome foi dito em voz alta, como se a intenção fosse fazer com que todos na fila escutassem. Era final de tarde, o turno ideal para alguém ainda cursando o colégio. Era provável que a garota tivesse uns dezessete anos, podia ter sido uma das colegas de classe de Kevin. Sei que há pelo menos uma meia dúzia de escolas de ensino médio nessa área, e a família talvez tivesse acabado de chegar da Califórnia. Mas, pela expressão da menina, acho que não. Ela me olhou feio. “Eis aí um nome incomum.”

Não sei o que me deu, mas estou muito cansada disso. Não é que eu não me envergonhe. Ao contrário, sinto-me exausta de tanta vergonha, toda gosmenta com sua baba pegajosa de albume. Essa não é uma emoção muito produtiva. “Sou a única *Khatchadourian* no estado de Nova York”, vangloriei-me, pegando meu cartão de volta com um gesto brusco. Ela jogou os ovos dentro de uma sacola, onde eles babaram um pouco mais.

Assim, já estou em casa — ou no que se pretende uma casa. Claro que você nunca esteve aqui, portanto, permita-me descrevê-la.

Você levaria um susto. Entre outras coisas, por eu ter escolhido permanecer em Gladstone, depois de fazer aquele escândalo todo quando saímos de

Manhattan. Mas achei que deveria ficar perto do Kevin. Além disso, por mais que eu almeje o anonimato, não quero que os vizinhos se esqueçam de quem sou; quer dizer, querer, eu quero, mas o esquecimento não está disponível. E este é o único lugar no mundo onde as ramificações da minha vida podem ser inteiramente sentidas, e, para mim, no momento, importa mais ser compreendida que amada.

Depois de pagar os advogados, ainda fiquei com uns trocados, o suficiente para comprar uma casinha pequena, embora o caráter provisório de alugar fosse mais condizente com minha situação atual. Além do mais, morar neste duplex de brinquedo me pareceu um casamento apropriado de temperamentos. Ah, você ficaria horrorizado. Meus frágeis armários de madeira compensada desafiam o lema de seu pai: “os materiais são tudo”. Mas é justamente essa qualidade de eles mal se agüentarem que admiro.

Tudo aqui é precário. A escada que leva ao andar de cima, muito íngreme, não tem corrimão, temperando minha subida até a cama com ondas de vertigem após três taças de vinho. O assoalho range, as esquadrias das janelas deixam entrar chuva e o lugar todo exala um ar de fragilidade, de falta de confiança, como se a qualquer momento, com uma piscada, a estrutura inteira pudesse simplesmente sumir, como uma má idéia. Penduradas num arame enferrujado, e ligadas direto no fio que sai do teto, as minúsculas lâmpadas halógenas do andar de baixo costumam oscilar, e essa luz intervalada contribui para a sensação de acende e apaga que permeia essa minha nova vida. Da mesma forma, a única tomada telefônica da casa regurgitou as entranhas; minha incerta conexão com o mundo exterior depende de dois fios mal soldados, e muitas vezes se interrompe. Embora o senhorio tenha me prometido um fogão de verdade, no fundo não me importo em cozinhar na chapa — cuja luz que indica “ligado” não funciona. A maçaneta da porta da frente sai na minha mão, quando entro. Até agora, venho conseguindo colocá-la de volta, mas o toco do trinco me perturba com intimações que fazem com que eu me lembre de minha mãe: impossibilitada de sair de casa.

Reconheço, também, a tendência generalizada de meu duplex de espichar seus recursos até os limites máximos. O aquecimento é patético, sobe dos radiadores em baforadas rasas, rançosas, e, embora estejamos ainda no começo de novembro, já coloquei os controles no máximo. Quando tomo banho, uso só a água quente, nada da fria; ela sai apenas morna o bastante para que eu não trema, e o fato de saber que não há reservas permeia minhas abluções de

inquietação. O controle da geladeira está sintonizado no ponto mais alto, mas o leite só dura três dias.

Quanto à decoração, ela evoca uma qualidade zombeteira que vem bem a calhar. As paredes de baixo foram emplastadas com um amarelo ofensivamente brilhante, aerando-se as pinceladas desleixadas com o branco que havia por baixo, como se rabiscadas a lápis. Em cima, no quarto, receberam um tratamento amadorístico, esponjado em tons verde-mar, lembrando uma pintura malfeita de criança pequena. Essa trêmula casinha — ela não parece muito *real*, Franklin. E eu tampouco.

Ainda assim, espero de coração que não se sinta penalizado: não é essa a minha intenção. Eu poderia ter achado acomodações mais majestosas, se quisesse. Gosto daqui, de certa forma. Não é sério, é de brinquedo. Eu moro numa casa de boneca. Até a mobília é fora de escala. A mesa de jantar bate na altura do peito, o que faz com que eu me sinta uma menina, e a mesinha de cabeceira, onde eu pus esse *notebook*, é baixa demais para digitar — mais ou menos da altura ideal para servir bolacha de coco e suco de abacaxi a crianças do jardim-de-infância.

Talvez essa atmosfera retorcida e juvenil ajude a explicar por que ontem eu não votei na eleição presidencial. Simplesmente esqueci. Tudo a minha volta parece estar acontecendo muito longe. E agora, em vez de apresentar um firme contraponto ao meu deslocamento, o país parece ter-se unido a mim no reino do surreal. Os votos foram computados. Mas, como em algum conto de Kafka, ninguém parece saber quem ganhou.

E eu tenho essa dúzia de ovos — o que sobrou deles. Esvaziei o restante numa tigela e catei os pedacinhos de casca. Se você estivesse aqui, eu talvez preparasse para nós uma bela fritada, com batatas cortadas em cubinhos, coentro e aquela pitada de açúcar que é o grande segredo. Sozinha, eu joga tudo numa frigideira, mexo e belisco, emburrada. Mas vou comer tudo assim mesmo. Houve algo no gesto de Mary que, de um jeito meio rudimentar, achei bem elegante.

No início, a comida me revirava o estômago. Visitando minha mãe em Racine, fiquei verde diante dos charutinhas na mesa, muito embora ela tivesse passado o dia inteiro escaldando folhas de uva e preparando o recheio de carne de carneiro e arroz para fazer rolinhos perfeitos. Lembrei que ela poderia congelá-los. Em Manhattan, quando eu cruzava apressada pela *deli* da Rua

57, a caminho do escritório de advocacia do Harvey, o cheiro apimentado de gordura de *pastrami* me embrulhava o estômago. Mas a náusea passou e senti falta daquele odor. Quando, depois de quatro ou cinco meses, comecei a ter fome — uma fome de leão, na verdade —, esse apetite todo me pareceu impróprio. De modo que continuei fazendo o papel da mulher que perdera o interesse pela comida.

No entanto, depois de um ano, enfrentei o fato de que aquele teatro todo estava sendo desperdiçado. Se eu ficasse cadavérica, ninguém iria se importar. O que será que eu esperava, que você cingisse minhas costelas com aquelas mãos enormes, feitas para medir cavalos, que me erguesse para o alto e, em tom sério, me repreendesse com a censura que faz as delícias recônditas de toda mulher ocidental: “Você está magra demais”?

De modo que agora eu tomo o café-da-manhã com *croissants* e cato cada migalha com dedos úmidos. Picar repolho metodicamente ocupa uma parte dessas noites compridas. Cheguei até mesmo a recusar, uma ou duas vezes, aqueles poucos convites para sair que ainda fazem soar o telefone, em geral amigos do exterior que me mandam *e-mails* de vez em quando, mas com quem não me encontro há muito tempo. Sobretudo quando não sabem de nada, e sempre sei quando isso acontece: os inocentes fazem estardalhaço, ao passo que os iniciados começam com um gaguejo respeitoso, em tons abafados de quem está numa igreja. É óbvio que não quero ficar recitando a história. Tampouco cobiço a muda comiseração dos amigos que *não sabem o que dizer* e que, com isso, deixam que eu despeje a alma como forma de entabular conversa. Mas o que de fato me leva a dar a desculpa de estar muito “ocupada” é que tenho verdadeiro pavor de pensar que vamos pedir uma salada, que a conta vai chegar, que serão apenas 8:30 ou 9:00 da noite e que eu vou voltar para casa e para meu dúplex minúsculo sem ter nada para picar.

É engraçado, depois de passar tanto tempo viajando pela *A Wing & a Prayer* — um restaurante diferente toda noite, com garçons que falavam espanhol ou tailandês, cardápios que ofereciam *seviche* ou cachorro —, ter-me apegado a essa rotina feroz. É tenebroso, mas eu lembro minha mãe. No entanto, não consigo romper essa estreita seqüência (cubinhos de queijo ou seis ou sete azeitonas; peito de frango, costeleta ou omelete; uma verdura cozida; um só biscoito recheado de baunilha; vinho que perfaça meia garrafa apenas), como se estivesse andando sobre uma trave de equilíbrio e, com um único passo

errado, pudesse cair. Fui obrigada a eliminar as ervilhas japonesas do cardápio, porque o preparo delas não é suficientemente árduo.

Seja como for, mesmo que a gente esteja separado, eu sei que você se preocupa se estou comendo ou não. Você sempre se preocupou. Graças à débil vingança de Mary Woolford, esta tarde, eu me sinto fartamente alimentada. Nem todas as travessuras dos nossos vizinhos foram assim tão antálgicas.

Como, por exemplo, todos os galões de tinta carmim esparramados na varanda da frente daquele nosso rancho de novo-rico (e era bem isso, Franklin, goste você ou não do fato — *era um rancho*) na Palisades Parade. Nas janelas também, e na porta da frente. Eles vieram à noite e, quando acordei, na manhã seguinte, a tinta já havia quase secado. Na época, foi mais ou menos um mês depois — que nome dar àquela quinta-feira? —, pensei que nada mais poderia me horrorizar, ou magoar. Imagino que seja uma noção comum, essa, a de que já estamos tão avariados que a própria avaria, em sua totalidade, acaba nos deixando mais seguros.

Foi ao virar da cozinha para a sala de estar, naquela manhã, que reconheci a idéia de estar lacrada para as frioleiras. Sufoquei um grito. O sol entrava em cheio pelas janelas, ou ao menos por onde a camada de tinta era mais fina e pelas vidraças que não haviam sido lambuzadas, lançando sobre as paredes brancas da sala vívidos laivos de vermelho, como num restaurante chinês de decoração espalhafatosa.

Sempre adotei a política, que você aliás admirava, de enfrentar meus receios, embora ela tenha sido concebida nos tempos em que meu maior temor era me ver perdida numa cidade estranha, uma brincadeira de criança. Quanto eu não daria, hoje, para voltar aos tempos em que não fazia idéia do que teria pela frente (a própria *brincadeira de criança*, por exemplo). O fato é que é difícil largar velhos hábitos, de modo que, em vez de voltar correndo para nossa cama e puxar as cobertas, resolvi investigar os danos. No entanto, a porta da frente não quis abrir. Estava grudada devido àquele grosso esmalte cor de carmim. Ao contrário da tinta látex, o esmalte não é solúvel em água. E tinta esmalte é cara, Franklin. Alguém investiu uma bela bolada. Claro que nossa antiga vizinhança tinha uma série de deficiências, mas falta de dinheiro nunca foi uma delas.

Assim, saí de roupão pela porta lateral e dei a volta. Inspeccionando o trabalho artístico dos nossos vizinhos, senti que meu rosto assumia aquela mesma

“máscara impassível” descrita pelo *New York Times*, durante o julgamento. O *Post*, menos delicado, descreveu minha expressão durante o tempo todo como de “desafio”, e nosso periódico local, o *Journal News*, foi ainda mais longe: “Pela implacabilidade inexorável de Eva Khatchadourian, seu filho poderia não ter cometido nada mais chocante que enfiar o rabo-de-cavalo de uma menina dentro de um tinteiro.” (Admito que enrijei no tribunal, que espremi os olhos e suguei as bochechas de encontro aos molares; lembro-me de ter-me apegado a um dos seus lemas de durão: “Não deixe eles verem você suando.” Mas, Franklin, “de desafio”? Eu estava tentando não chorar.)

O efeito chegou a ser magnífico, para quem gosta de sensacionalismo, coisa que, àquela altura, de fato não era meu forte. Parecia que a casa estava com a garganta cortada. Espalhado em impetuosos e arrebatados Rorschachs, o tom escolhido era de uma meticulosidade tal — intenso, forte, exuberante, com um quê de azul arroxeadado — que talvez tivesse sido encomendado. Pensei estupidamente que, se por acaso os culpados houvessem encomendado aquela cor específica, em vez de comprar uma lata na cor padrão, a polícia talvez pudesse pegá-los.

Mas eu não estava disposta a entrar numa delegacia de polícia de novo, a menos que fosse preciso.

Meu quimono era fininho, aquele que você me deu no nosso primeiro aniversário de casamento, em 1980. Feito para ser usado no verão, era o único que havia sido presente seu e eu não queria saber de outro. Joguei fora muita coisa, mas nada do que você me deu ou deixou para trás. Reconheço que esses talismãs são lancinantes. É por isso que os guardo. Aquele tipo de terapeuta chegado a uma intimidação diria que meus armários abarrotados não são “saudáveis”. Discordo. Ao contrário da dor repulsiva e aviltante por Kevin, pela tinta, pelos julgamentos na justiça criminal e civil, esta dor é *íntegra*. Por mais espezinhado que tenha sido o conceito, na década de sessenta, a integridade é uma qualidade que, acabei me dando conta, anda surpreendentemente escassa, hoje em dia.

A questão é que, agarrada àquele algodão macio e azul enquanto avaliava o trabalho de pintura um tanto relaxado que nossos vizinhos haviam resolvido patrocinar sem nos cobrar nem um único tostão, senti frio. Era mês de maio, mas o ar estava gelado, e o vento, forte. Antes de descobrir por mim mesma, talvez eu imaginasse que, na esteira do apocalipse pessoal, as pequenas chatices da vida desapareceriam para sempre. Mas não é verdade. Continuo sentindo

arrepios de frio, ainda me desespero quando uma encomenda se perde no correio, e ainda me aborreço quando descubro que me deram troco errado no Starbucks. Talvez possa parecer um tanto constrangedor, na situação atual em que me encontro, continuar precisando de uma malha ou de uma luva, ou não gostar de ser passada para trás em um dólar e meio. Mas, desde aquela *quinta-feira*, toda a minha vida vem sendo sufocada debaixo de um cobertor tão imenso de constrangimentos, que acabei optando por considerar essas chateações passageiras um alívio, emblemas de um domínio que sobreviveu. Vestida de forma inadequada para a estação do ano, ou irritada porque num Wal-Mart do tamanho de um mercado de gado não consigo achar uma caixa de fósforo de cozinha, o lugar-comum emocional me enche de júbilo.

Ao entrar de novo pela porta lateral, intrigou-me o fato de um bando de saqueadores ter conseguido atacar aquela estrutura de modo tão cabal enquanto eu dormia, sem me dar conta de nada. Culpei a forte dose de calmantes que eu tomava toda noite (por favor, não diga nada, Franklin, eu sei que você desaprova), até que percebi que estava imaginando a cena de forma errada. Fora um mês depois, não um dia. Não houvera apupos nem urros, nenhuma balaclava nem rifles de cano serrado. Eles chegaram na surdina. Os únicos ruídos foram galhos quebrados, um baque surdo quando a primeira lata esbofeteou a porta de mogno brilhante, o murmúrio oceânico da lambida de tinta no vidro, um imperceptível ra-tá-tá quando caíram pingos com barulho igual ao de chuva grossa. Nossa casa não fora esguichada com os jorros fosforescentes da indignação espontânea, e sim lambuzada com um ódio que fervera em fogo lento, até ficar grosso e saboroso como um requintado molho francês.

Você teria insistido para que contratássemos alguém para limpar aquilo tudo. Você sempre foi adepto dessa esplêndida tendência norte-americana para a especialização — um especialista para cada necessidade —, e às vezes folheava as Páginas Amarelas só para se distrair. “Removedores de tinta: esmalte carmim.” Mas os jornais tinham feito um grande estardalhaço sobre como éramos ricos, de quanto o Kevin fora mimado. Eu não quis dar a Gladstone a satisfação de fazer troça, “olhem só, vejam” como ela tem condições de contratar mais um serviçal para limpar a sujeira deles, feito aquele advogado caríssimo. Não, eu os obriguei a me ver, dia após dia, raspando a tinta à mão, alugando uma máquina de jato de areia para os tijolos. Um dia, já no finalzinho da tarde, vi meu reflexo depois de toda aquela labuta — roupas man-

chadas, unhas lascadas, cabelos salpicados — e recuei. Eu já havia ficado com aquela cara uma outra vez, antes.

Algumas frestas em volta da porta talvez ainda brilhem com laivos cor de rubi; lá nas profundezas alcantiladas dos tijolos falsamente de época, talvez ainda reluzam algumas gotas de rancor que não pude alcançar com a escada. Eu não saberia dizer. Vendi a casa. Depois do processo no cível, fui obrigada.

Eu achava que teria problemas para me livrar da propriedade. Sem dúvida que compradores supersticiosos fugiriam apavorados quando descobrissem quem era a proprietária do lugar. Mas isso só veio provar, de novo, como eu não entendia nada do meu próprio país. Certa vez, você me acusou de esbanjar toda a minha curiosidade em “cus-de-judas do Terceiro Mundo”, quando tinha o que se poderia chamar de império mais extraordinário da história da humanidade bem ali, na minha cara. Você estava com a razão, Franklin. Não há nada que se equipare ao país onde nascemos e fomos criados.

Assim que a casa foi posta no mercado, choveram propostas. Não porque as pessoas não soubessem; porque sabiam. Nossa casa alcançou muito mais do que valia — mais de três milhões de dólares. Na minha ingenuidade, não compreendi que a fama da casa era seu ponto forte. Enquanto fuçavam em nossa despensa, pelo visto os casais emergentes iam imaginando, cheios de júbilo, momentos de glória no jantar que ofereceriam por ocasião da inauguração.

*[Tim-tim!] Atenção, todo mundo. Agora eu vou propor um brinde, mas antes, vocês nem imaginam de quem nós compramos esta casa. Estão todos preparados para ouvir? Eva Khatchadourian... Conhecem? Podem apostar. Para onde mais nós iríamos nos mudar? Para Gladstone, claro!... É, aquela Khatchadourian, Pete, que outras Khatchadourians que você conheceu na vida. Meu Deus, como é lento esse cara.*

*... Isso mesmo, “Kevin”. Fantástico, não? Meu filho Lawrence ficou com o quarto que era dele. Outro dia tentou me levar na conversa. Disse que tinha de ficar comigo para assistir a Henry: Retrato de um serial killer, porque o quarto dele estava “assombrado” pelo “Kevin Ketchup”. Tive que desapontar o garoto. Vai me desculpar, eu disse, mas o Kevin Ketchup não pode estar assombrando o seu quarto, porque o desgraçado miserável continua vivinho da silva, em algum presídio juvenil estadual. Se fosse por mim, cara, aquele mequetrefe tinha pego cadeira elétrica... Não, não foi tão ruim quanto em Columbine. Quantos foram, dez, meu bem? Nove, certo, sete garotos, dois adultos. A professora que ele matou era meio que a grande defensora do moleque,*

*coisa assim. E eu não entro nessa de ficar culpando os vídeos, o rock. Nós crescemos escutando rock, é ou não é? E nenhum de nós saiu feito doido matando todo mundo na escola. Veja o Lawrence. O garoto adora ver sangue na televisão, não importa quão realista seja, ele nem pisca. Mas quando o coelho dele foi atropelado? Chorou durante uma semana. Eles sabem ver a diferença.*

*Nós estamos criando nosso filho para saber o que é certo e o que é errado. Talvez pareça injusto, mas a gente no fim tem que se perguntar sobre os pais.*

*Eva*